

## Confiança das famílias segue em recuperação lenta, porém progressiva

*Dois componentes registraram queda mensal. Apesar do resultado, as condições econômicas instáveis ainda mantêm o índice abaixo dos 100 pontos*

Indicador	mar/17	Variação Mensal	Variação Anual
Emprego Atual	108,3	+1,8%	+2,5%
Perspectiva Profissional	103,0	+1,1%	-0,0%
Renda Atual	93,0	+2,7%	-3,4%
Compra a Prazo	69,4	+2,5%	-5,2%
Nível de Consumo Atual	51,1	-2,4%	-4,1%
Perspectiva de Consumo	69,7	+3,1%	+13,1%
Momento para Duráveis	52,8	-1,0%	+6,6%
<b>ICF</b>	<b>78,2</b>	<b>+1,4%</b>	<b>+0,9%</b>

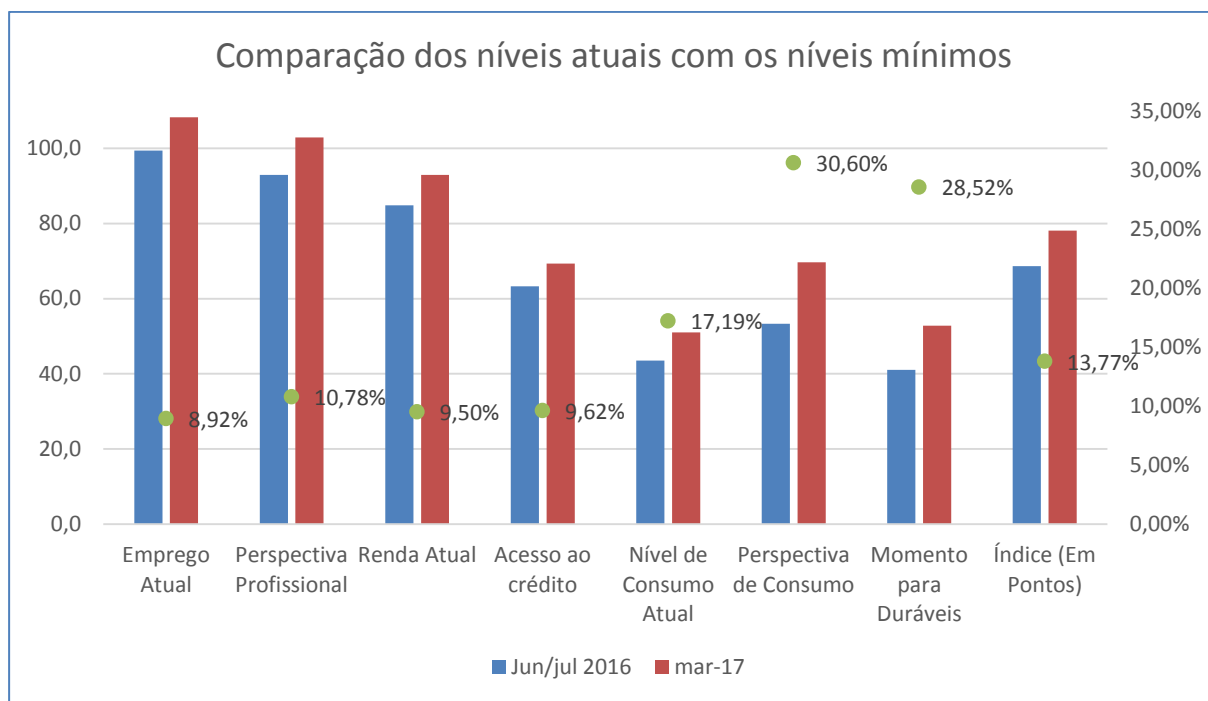
A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) registrou aumento de 1,4% na avaliação mensal e aumento de 0,9% em relação a março de 2016. Dois componentes da pesquisa tiveram variação negativa na comparação mensal. Ainda assim, o índice total permanece em um nível menor que 100 pontos, abaixo da zona de indiferença, o que indica uma percepção de insatisfação com a situação atual.

O nível de confiança das famílias com renda abaixo de dez salários mínimos mostrou melhora de 1,3% na comparação mensal; e o daquelas com renda acima de dez salários mínimos apresentou aumento de 1,6%. O índice das famílias mais ricas está em 96,5 pontos; e o das demais, em 76,7 pontos. Os índices abertos por faixa de renda também continuam abaixo dos 100 pontos.

Na base de comparação regional, todas mostraram variação mensal positiva. A maior variação ocorreu na região Sudeste, melhora de 1,9% na intenção de consumo.

As vendas no varejo voltaram a decepcionar em dezembro. Com a antecipação das compras para o Natal em novembro, estimuladas pela Black Friday, o comércio varejista amargou queda de 2%, o pior desempenho para o mês da série histórica da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), iniciada em 2001 pelo IBGE. O ano terminou com contração também recorde: -6,2%, queda mais acentuada da série histórica para esse tipo de comparação, influenciada principalmente pelo recuo nas vendas dos setores: Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-3,1%); Móveis e eletrodomésticos (-12,6%); e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-9,5%). Como consequência, o varejo volta a contribuir negativamente para o PIB brasileiro no fechamento de 2016 e no quarto trimestre do ano.

A intenção de consumo das famílias segue em recuperação progressiva. Os menores patamares dos componentes foram atingidos entre os meses de junho e julho de 2016. No gráfico abaixo, podemos observar a elevação nos níveis de cada um deles. Os pontos em verde destacam a evolução percentual de junho/julho de 2016 para março de 2017:



### **Mercado de trabalho: componente Emprego Atual apresenta resultado positivo na variação anual**

O componente Emprego Atual registrou alta de 1,8% em relação ao mês anterior e elevação de 2,5% na comparação com o mesmo período do ano passado.

O percentual de famílias que se sentem mais seguras em relação ao Emprego Atual é de 31,5%, ante o mesmo percentual em fevereiro.

As regiões Centro-Oeste, Norte e Sul são as mais confiantes em relação ao Emprego Atual (136,4, 116,7 e 114,1 pontos, respectivamente), com variações mensais de 2,2%, +2,6% e +2,3%, na ordem respectiva. Por outro lado, as regiões Nordeste e Sudeste registraram menor nível de confiança, contabilizando 108,9 e 98,8 pontos, respectivamente. O índice geral e os regionais, exceto o do Sudeste, estão acima da zona de indiferença, de 100 pontos.

### **Consumo: Nível de Consumo Atual mantém-se abaixo do mesmo período de 2016**

O componente Nível de Consumo Atual apresentou queda de 2,4% em relação ao mês anterior e queda de 4,1% comparativamente ao mesmo período do ano passado. A maior parte das famílias declarou estar com o nível de consumo menor que o do ano passado (60,8% ante 60,6% em fevereiro). O índice está em 51,1 pontos.

O componente Acesso ao Crédito teve aumento de 2,5% na comparação mensal e queda de 5,2% em relação a março de 2016.

O item Momento para Duráveis apresentou queda de 1% na comparação mensal, primeira variação negativa depois de sete meses seguidos em alta. Em relação a 2016, o componente mostrou aumento de 6,6%, o quarto consecutivo. O índice segue abaixo da zona de indiferença. A taxa de

juros para o consumidor, representada pela taxa média de juros das operações de crédito com recursos livres para pessoas físicas e divulgada pelo Banco Central, ainda está muito elevada. A taxa estava em 71,7% ao ano na divulgação referente a dezembro de 2016. Em janeiro, a taxa foi de 72,6%. A maior parte das famílias –70,3%, ante 70,1% em fevereiro – considera o momento atual desfavorável para aquisição de duráveis.

Por corte de renda, as famílias com renda até dez salários mínimos registraram queda de 1,1% no quesito Momento para Duráveis na comparação mensal, e as com renda acima de dez salários apresentaram aumento de 0,1%. Regionalmente, esse indicador variou de 73,7 pontos (Sul) a 31,6 pontos (Norte).

**Expectativas: a maior parte das famílias considera positivo o cenário de consumo para os próximos seis meses**

As famílias apresentaram aumento de 1,1% nas perspectivas em relação ao mercado de trabalho, na comparação mensal. Em relação ao mesmo período do ano passado, houve estabilidade.

O item Perspectiva de Consumo registrou aumento de 3,1% em relação a março de 2016. Na comparação anual, o índice apresentou aumento de 13,1%, a sexta variação anual positiva desde agosto de 2014. Na base de comparação mensal, as famílias com renda até dez salários mínimos mostraram aumento de 2,9%; e aquelas com renda acima de dez salários apresentaram aumento de 3,7%.

A perspectiva para 2017 é de estabilização. Mesmo com os cortes na taxa básica de juros pelo Banco Central e o anúncio da liberação de saques em contas inativas do FGTS, o volume maior de dinheiro em circulação deverá ser empregado primeiramente na redução do endividamento, antes de seguir para o consumo. A desaceleração da inflação já auxiliou na redução do ritmo de perdas do varejo no último trimestre de 2016. O volume vendido caiu 1,2% no quarto trimestre ante o terceiro trimestre do ano passado, após recuo de 1,6% no trimestre anterior.

### **Sobre a Intenção de Consumo das Famílias:**

A pesquisa nacional de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) é um indicador antecedente que tem como objetivo antecipar o potencial das vendas do comércio. O indicador tem capacidade de medir, com alta precisão, a avaliação que os consumidores fazem dos aspectos importantes da condição de vida de suas famílias, tais como capacidade de consumo atual e de curto prazo, nível de renda doméstico, condições de crédito, segurança no emprego e qualidade de consumo presente e futuro.

Os resultados da ICF podem ser avaliados sob dois ângulos. O primeiro é o grau de satisfação e insatisfação dos consumidores, por meio de sua dimensão, já que o índice abaixo de 100 pontos indica uma percepção de insatisfação, enquanto o acima de 100 (com limite de 200 pontos) indica o grau de satisfação em termos de seu emprego, renda e capacidade de consumo. O segundo ângulo é o da tendência desse grau de satisfação e insatisfação, por meio das variações mensais da ICF total. A pesquisa é composta por sete itens. Quatro deles – Emprego Atual, Renda Atual, Compra a Prazo e Nível de Consumo Atual – comparam a expectativa do consumidor em relação a igual período do ano anterior. Os demais itens referem-se a perspectivas de melhoria profissional para os seis meses seguintes, expectativas de consumo para os três meses seguintes e avaliação do momento atual quanto à aquisição de bens duráveis.

Para o comércio, a ICF cumpre um papel altamente relevante, ao fundir as percepções pessoal e familiar, capturando informações em todas as unidades da Federação. Tais informações são obtidas com base em 18 mil questionários, analisados mensalmente. Outro fator que destaca a ICF ante outros indicadores antecedentes baseados na percepção do consumidor é o seu caráter de curto prazo. As avaliações do consumidor em relação ao futuro são tomadas em um horizonte que varia de três a seis meses.